

Editorial - Diversidades

Que tempos são estes em que a perplexidade parece vigorar diante de qualquer informação? Diante de qualquer orientação e ação políticas? O silêncio, a polarização e o dar de ombros parecem dominar nosso tempo. Entre desencontros, impaciência, intolerância, totalitarismos, vamos deslizando e nos equilibrando no tabuleiro universal da vida para superar a regulação, o controle, a dominação. Ainda assim, perduram esperanças, diferentes resistências, superação de limites, convicções em transformações e transformações de si mesmo. E nossa existência, como nos lembra o belo texto de Laval (2018), *não [será] inteiramente aprisionada pelos saberes, pelos poderes, pelas normas de conduta, pelos modelos de vida. Práticas de liberdade são sempre possíveis, e, além disso, são elas os motores dos deslocamentos históricos e os vetores das transformações subjetivas.* (p.113)

Este primeiro número da Revista *Flecha do Tempo* traz como tema “Diversidades”, palavra que evoca a motivação inicial de abertura de diálogos numa perspectiva plural. Por que “Diversidades”? Talvez para renovar e manter um movimento de desconstrução da rigidez a que somos sempre afeitos, sugerir maior capacidade de compreensão, suscitar maior sensibilidade para ouvir e conjugar as diferenças.

“A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença”, como nos ensina Hannah Arendt (1981). “Se não fossem iguais, continua ela, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender” (p.188). A sabedoria da filósofa está não apenas no conhecimento que foi capaz de reunir mas no modo como articulou esses conhecimentos a uma inteligência histórica de experiência interior (Cf. Laval, 2018), que nos proporciona apreender a dimensão e a complexidade do sentido de pluralidade.

Neste contexto e ambiência local e global, política e social, educacional e acadêmica, estamos lançando a *Revista Científica (online) Flecha do*

Tempo com a intenção de que ela possa servir de espaço aberto para comunicação, articulação de saberes e expressão de diferentes pensamentos. O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Questões Metodológicas em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (NEMESS/PUCSP) realiza estudos e debates no campo teórico-prático e técnico científico; pensando em proporcionar maior visibilidade e promover maior participação entre estudiosos e pesquisadores sociais, educacionais e outros, a meio fio entre academia e fora dela, criamos este recurso digital por meio da internet como espaço de divulgação e talvez de *heterotopia*¹.

A Revista tem como propósito gerar um espaço para o diálogo plural e a construção interdisciplinar de conhecimento sobre questões que envolvem o cotidiano das práticas sociais do Serviço Social e das demais profissões do campo das ciências humanas e sociais. Prioriza o livre pensar e uma política de humanidade tendo por solo o respeito aos saberes, aos fazeres, às artes, aos diferentes pensamentos, diferentes culturas e, especialmente, ao pensamento democrático. De inspiração transdisciplinar, mantém afinidade com a *perspectiva da complexidade*, no exercício constante da religação dos conhecimentos e da ética do sujeito responsável.

O nome da Revista, *Flecha do Tempo*, tem inspiração nos pensamentos de Edgar Morin e de Ilya Prigogine. São teorias que remetem à noção de tempo na física quântica e que, no seu âmago, indicam probabilidades e nunca certezas pois a própria evolução do universo abriga flutuações, bifurcações, desvios e acontecimentos criadores de novas ordens e de novas organizações. A lógica prigoginiana e moriniana realça o tempo na constituição de uma visão científica sobre a natureza e a sociedade; considera que cada *ser complexo* é formado por uma *pluralidade de tempos*, ramificados uns nos outros, conforme as sutis e múltiplas articulações que se podem estabelecer. Deste modo, a história – como processo – de um ser vivo ou de uma sociedade, nunca poderá ser reduzida à simplicidade monótona de um tempo único (Prigogine; Stengers, 1997, p. 211), de uma visão única, de um pensamento único. A Revista pretende, assim, manter essa pulsão de vida, de tempo, de espaço e de criação.

¹ A especial expressão *heterotopia*, de Michel Foucault (2013), inaugura uma compreensão sobre diferentes espaços. Não se trata de estudar “as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as ‘heterotopias, espaços absolutamente outros” (p.21). “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (p.24).

Neste número os temas dos artigos foram livres, com a intenção de iniciarmos o *jogo* das possíveis conjugações reflexivas que seus conteúdos podem despertar. Ao invés de nos dirigirmos sempre às velhas *marcas* com certa nostalgia, mesmo que notáveis em seus desdobramentos, significados e ações, talvez possamos nos dispor a correr riscos!

Maria Lucia Rodrigues
Set/2019

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. A nova aliança: metamorfose da ciência. Tradução: Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincheira. Brasília: UnB, 1997.

PRIGOGINE, Ilya. Ciência, razão e paixão. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Isa Hetzel, Lois Martin Garda e Maurício Macedo. Organização: Edgard de Assis Carvalho, Maria da Conceição de Almeida. São Paulo: Livraria da Física, 2009

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

LAVAL, Christian. *Foucault e a experiência utópica in O Enigma da Revolta*. Michel Foucault. Posfácio, São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Forense Universitária Editora, 1981.

MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Tradução Vera de Azanbuja Harvey. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.